



A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa

Resumo

Este artigo versa sobre 'a etimologia de estudos de terminológicos referentes à escrita de sinais', ao buscar as palavras significadas basicamente no uso de diversos termos propostos pelos autores que estudaram nos terminológicos linguísticos referentes à escrita de sinais e que apresentam os significados dos conceitos para a decodificação desses termos à sua perspectiva, realizada com estes termos: *quirema*, *querema*, *quirêmico*, *glifo*, *pilha*, *visografema*, *gestografia* e *grafema*. O objetivo deste artigo é discutir cada um termo apresentado para delimitá-los e empregadas adequadamente às pesquisas com base em vários autores que estudaram na área de escrita registrada. Para a realização desta pesquisa foi necessária a utilização de várias citações, bem como os casos de estudos etimológicos para procurar as informações sobre os termos referentes à escrita de sinais pelos autores, que abarcam o procedimento de tipo pesquisa bibliográfica. Como resultado, temos os diversos termos que foram empregados por afirmações dos autores nos trabalhos propostos citados e que são muito recentes.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita de Sinais. Termos significados. Estudos linguísticos.

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Introdução

A motivação para este trabalho ‘*a etimologia de estudos de terminológicos referentes à escrita de sinais*’, tem como finalidade buscar as palavras significadas basicamente no uso de diversos termos propostos pelos autores que estudaram nos terminológicos linguísticos referentes à escrita de sinais e que apresentam os significados dos conceitos para a decodificação desses termos à sua perspectiva. São eles: *quirema*, *querema*, *quirêmico*, *glifo*, *pilha*, *visografema*, *gestografia* e *grafema*. O objetivo deste artigo é discutir cada termo apresentado para delimitá-los e empregadas adequadamente às pesquisas com base em vários autores que pesquisaram na área de escrita de sinais registrada.

Diante disso, surgiram o seguinte questionamento: Porque os autores criaram os termos linguísticos sobre os sistemas diferentes de escrita de sinais registrada?

Dessa maneira, os termos propostos deixaram de ser tratados como conjunto de escrita das línguas de sinais e passaram a ser perspectiva de seu objeto nos estudos linguísticos de Escrita de Sinais, como “*uma estrutura multiarticulada e multinivelada, com base nos mesmos princípios gerais de organização que podem ser encontrados em qualquer língua*” (BEHARES, 1993, p. 43). Portanto, identificou-se que ao utilizá-la, são realizadas as mesmas funções e obtidas palavras com “*os mesmos rendimentos processuais*”

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



que se podem alcançar na utilização das línguas orais, mais antigamente conhecidas e reconhecidas” (BEHARES, 1993, p. 43).

Nota-se, no entanto, que a maioria dos estudos realizados sobre a escrita das línguas de sinais no decorrer da história compartilha uma palavra comum, buscando sua descrição com perspectiva de logística pelos autores que explicaram os mesmos termos atribuindo novas significações. Não se está negando o incomensurável valor das suas pesquisas e dos estudos, pois, graças a eles, que vêm se somar às discussões realizadas por vários termos criados. Esses termos passaram a ser reconhecidos em seus respectivos países, a circularem nos ambientes acadêmicos e a serem consideradas como fundamentais para a educação de surdos.

Segundo Culler (1979 apud LODI, 2004, p. 283-284):

Para a realização de tal estudo, o linguista deve adotar uma perspectiva sincrônica, pois como o signo, arbitrário em essência, não tem nenhum núcleo que deva persistir na história da língua, ele constitui-se como uma entidade relacional, isto é, o signo define-se pela sua relação com os outros signos no interior do sistema linguístico.

A partir do uso de conceitos nos estudos linguísticos surgiram as proposições de trabalhos pelos autores que explicaram sobre os estudos de termos na área das escritas de sinais, decorrentes das muitas pesquisas com

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



os termos definidos que estes autores tinham em relação aos conceitos criados, apresentados em suas perspectivas. Os termos utilizados sobre a escrita de sinais tiveram o objetivo de refletir as suas discussões, e nesta pesquisa foram utilizados termos explicados com base em vários autores, a fim de se verificar se está adequado, ou se precisa de modificações.

Por fim, para a realização desta pesquisa foi necessária a utilização de várias citações, bem como os casos de estudos etimológicos que abarcam os procedimentos de tipo pesquisa bibliográfica. Ela tem o objetivo, no primeiro tipo, de discutir sobre a escrita de sinais a partir do uso de termos nos estudos linguísticos com a interação entre os autores nas suas perspectivas.

Sobre o primeiro termo, *quirema*, Stokoe (1960) a publicou no primeiro estudo de linguística sobre a língua de sinais onde descreveu a estrutura da ASL a partir das análises de seus elementos definidos que passaram a ser descritos seguindo em níveis linguísticos (fonológico, morfológico e sintático) tendo como base os sistemas descritos para as línguas orais.

Todos os sinais foram analisados a partir da combinação dos três *quiremas* que foram formados de menores unidades da língua, as quais contêm significado na descrição linguística da ASL.

O termo *QuirEma* (do grego *xépi* ou *khéri*: mão; *nua* ou *ema*; unidade mínima) foi cunhado por Stokoe (1960), para representar o correspondente, em língua de sinais, do *FonEma* em língua falada. Desse modo, o *QuirEma* estaria para a unidade da sinalização, assim como o fonema está para unidade da fala ou voz (CAPOVILLA; GARCIA, 2011, p. 85).

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Propôs, então, um sistema – *quirológia* – cuja função seria análoga à desempenhada pelo sistema fonológico nas línguas orais. Os *quiremas* foram selecionados e analisados a partir do contínuo de movimentos gestuais (da mesma forma como os fonemas foram selecionados da infinidade de sons vocais possíveis), identificados e descritos em três tipos: posição (ponto de articulação), configuração e movimento da mão (LODI, 2004, p. 284).

Para Stokoe, as unidades de sinalização acima, os quiremas, relacionam-se com a unidade mínima de mão como parâmetro quirêmico, não a unidade mínima de sinalização como parâmetro simatosêmico, eles são configuração de mão, locação e movimento à unidade mínima das propriedades dessa mão em termos de três parâmetros. Então, Capovilla (2011, p. 85) seguiu essa concepção para identificar nova terminologia, os *QuirEmas* relativos a: 1) as formas da(s) mão(s) sejam denominadas *QuiriFrmEmas* ou *ManuModusÍculos*; 2) os locais da(s) mão(s) sejam denominados *QuiriToposEmas* ou *ManuLocusÍculos*; e 3) os movimentos da(s) mão(s) sejam denominados *QuiriCinesEmas* ou *ManuMotusÍculos*.

Neste contexto, conforme Oliveira (2015, 67-68):

[...] destacam-se as pesquisas de Robbin Battison (1974) com a publicação de *Phonological Deletion in American Sign Language*. O autor foi um dos primeiros a utilizar o termo fonologia em suas pesquisas – após a publicação de Stokoe que propusera o termo ‘*cherology*’ (querologia) – nesse artigo Battison declarou que o termo fonologia se

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



referiria ao nível da estrutura sistemática formal para lidar com a forma dos sinais, bem como as restrições e alternância entre essas combinações. Afirmou ainda que a fonologia das línguas de sinais não teria relação com a estrutura do som ou da fonologia de qualquer língua oral.

Além disso, a autora Oliveira (2015) foi utilizar o novo termo querema em suas pesquisas, e declarou que a querema se referiria às linhas da mão. Afirmou que:

[...] os termos **querologia** e **querema** por constatar que resultados de pesquisa para quirologia na *web* remetem predominantemente à leitura divinatória das linhas da mão, enquanto a busca por querologia remete predominantemente à área dos estudos de línguas de sinais. Na presente tese será usado o termo querema e seus derivados, tais como, querologia, querológico, em correspondência com os termos das línguas orais, fonema, fonologia, fonológico [...] (OLIVEIRA, 2015, p. 68).

Por entanto, a autora Morais (2016) foi criar o novo termo quirêmico em sua tese de doutorado, e assumiu que o quiremico se simplificaria a escrita de sinais que compõem a palavra sinalizada/ sinal em *SignWriting*.

O termo componente quirêmico será considerado nesta tese pela autora para os componentes de um sinal escrito em SW. Quando não estiver inserido em um sinal escrito em SW, consideraremos como quiremas (MORAIS, 2016; p. 11).



Sabemos que as Escritas das Línguas de Sinais não fazem uso dos diversos termos anteriormente pelos autores Stokoe (1960), Capovilla (2011) em um campo teórico dos estudos linguísticos que já vem sendo desenvolvido. Além disso, o quirema se preocupa com a relação entre o sistema linguístico e os diferentes contextos comunicativos da Língua de Sinais em língua externa é usada nos eventos de fala como gramática convencional. Os autores Battison (1974), Oliveira (2015) e Morais (2016) explicaram que os termos querologia, querema e quirêmico se relacionam com os parâmetros completos da qualquer língua de sinais, fazem parte das escritas de sinais que possibilitam descrever elementos que corroborem para a identificação de algumas estruturas gramaticais na formação de itens lexicais da Libras equivalendo as características dos sistemas das escritas de sinais, tomando como base a gramática sob o ponto de vista do estudo linguístico em Libras.

Ao apresentarmos o termo glifo esta é a unidade mínima de um elemento específico de escrita, podendo representar uma tipografia por meio de pesquisas etimológicas com a derivação de dois radicais, dos gregos, respectivamente; *typos* = forma + *gráphein* = escrever. Assim que, o glifo faz parte do processo de criação na composição de um texto como *design* gráfico em geral, em que é lido pelos técnicos e *designers* especializados e se preocupa com o papel, a impressora, a tinta e os métodos de publicação com texto selecionado conforme as formas de glifos gráficos no teclado.

Segundo Fischer (2009, p. 190):

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Toda escrita completa da região – isto é, escrita que excluísse pictografia – em geral favorecia a escrita logográfica, pela qual os glifos representavam objetos, ideias ou sons (de nomes dos objetos). Havia também silabários distintos de glifos escritos puramente fonéticos, como classificadores fonéticos, em livre associação com outros glifos.

Ainda segundo o autor: “O padrão de repetição de certos glifos demonstra que aqui, também, a escrita compreendida um sistema misto logográfico e fonográfico. Os glifos simples e abstratos do monólito parecem ser fonéticos, e os glifos mais complexos, logográficos” (FISCHER, 2009, p. 195).

Nesse contexto da escrita de sinais, o glifo é uma das formas escritas dos fonemas da Língua de Sinais referiu o símbolo de sistema *SignWriting*. Conforme a autora Galea afirma que:

Um glifo como utilizado neste trabalho refere-se aos símbolos SW de SW quando usado como um sistema geral de escrever LS sem quaisquer escolhas conscientes para as preferências de símbolo feito. Assim, todos os símbolos SW encontrados na LMAP¹ são referidos como glifos. Este termo é usado em contraste com o termo 'grafêmico' (GALEA, 2014, p. 12, tradução minha).²

¹ Literature Malta Archive Puddle

² Cf. original: “A glyph as used in this work refers to the SW symbols of SW when used as a general system for writing SL without any conscious choices for symbol preferences made. Thus, all the SW symbols found in the LMAP are referred to as glyphs. This term is used in contrast with the term ‘grapheme’”.



Galea (2014) comentou que a terminologia de palavra especificada ‘símbolo’ é uso e termo de estudos linguísticos em escrita de sinais por meio de pesquisa desse termo em contexto, com a finalidade de documentar e promover o uso correto.

O termo símbolo é usado neste trabalho em sentido amplo, que significa "algo que representa ou significa outra coisa, geralmente por convenção ou associação, especialmente um objeto material usado para representar algo abstrato" (GALEA, 2014, p. 33, tradução minha).³

Ao defender o termo representado *símbolo* para o sistema *SignWriting*, o símbolo é um dos elementos manuais de glifo necessários para a anotação das abstrações à relação com a escrita de sinais. “O termo glifo é derivado em formar a palavra hieróglifo e tem sido utilizado para as unidades que não são bem compreendidas na descrição de sistemas de escrita” (COULMAS, 1999, p. 168). Glifos de SW são fonéticos; isto é, cada glifo que representa um ‘fonema’ é “um termo usado na fonética para referir o segmento menor discreto perceptível de som numa corrente de expressão” (CRYSTAL, 2011, p. 316).

Ao apresentar o termo ‘pilha’, Stumpf (2005) comenta que a pilha são os símbolos (são derivados de elementos manuais) no uso de escrita de sistema *SignWriting* com uma configuração de mão, locação, movimento, e expressões não manuais constituindo um sinal escrito completo.

³ Cf. original: “The term ‘symbol’ is used in this work in the broad sense, meaning “something that represents or stands for something else, usually by convention or association, especially a material object used to represent something abstract”.



De acordo com o pensamento de Boutora, esta explica que a pilha significa é uma marca gráfica de um signo pelo sistema *SignWriting*, ao afirmar que:

Retângulos virtuais compreendem um conjunto de símbolos alinhados verticalmente. Um conjunto de símbolos representa um signo, quer dizer uma unidade lexical eventualmente associada a um complemento de informações gramaticais, os signos são separados por um espaço. No interior de um “signo etiqueta” ou “pilha”, os símbolos são colocados verticalmente segundo a lógica do corpo humano. Assim o círculo que configura a cabeça suporta os símbolos que representam os elementos manuais. Os elementos não manuais (essencialmente os movimentos da face e o olhar) são inscritos dentro do círculo cabeça. (BOUTORA, 2003, p. 80 apud STUMPF, 2005, p. 52).

Para Stumpf (2005, p. 52): “O sistema, como acontece com aqueles adotados pelas línguas orais sofreu ao longo de sua existência, evoluções na forma e/ ou adaptação dos elementos estruturais de escrita”.

Defendemos que o termo *pilha* adota e relaciona com o sistema *SignWriting* e representa os símbolos, gestos e icônicos de uma unidade lexical com seus elementos manuais revela a complexidade desses movimentos na escrita das línguas de sinais de um modo gráfico esquemático com a apresentação em colunas no sentido de escrita visualmente textual. Quando observamos a Escrita de Sinais e a motivação que parece integrar as pilhas, quer sejam consideradas arbitrárias e/ ou icônicas em relação similar ao

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



pensamento por Saussure explica as imagens acústicas como significante que por sua vez designam o termo como significado na formação do signo linguístico na escrita alfabética. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia simbólica como sinal escrito, comparando à língua oral que existe a própria ortografia mística como palavra escrita. Para escrever em *SignWriting* é preciso usar o símbolo como pilha.

Utilizou-se o termo *pilha* para designar o signo linguístico ou, mais exatamente, o que chamamos de simbólico. A pilha tem como característica não ser jamais complementamente arbitrária (é *imotivada*), existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado em escrita de sinais. Sobre isso Saussure (2012, p. 108) afirma que:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário.*

A pilha está composta por signos linguísticos concretos de natureza essencialmente às suas faculdades intelectuais, formados de uma unidade de acuidade visual que é a capacidade de visualizar com perfeição as formas, é a representação da forma manuscrita das pilhas e os contornos de parâmetros em Libras na escrita de sinais e uma unidade significativa conceitual. Na pilha só existem imagens acuidades visuais feitas de unidades de gestos articulados: os quiremas. “A imagem acústica, por sua vez, pode ser convertida em imagem

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



visual: escrita. É a característica de forma concreta do signo que permite sua fácil transformação para a escrita” (MILANI, 2011, p. 102). Esse significante (gesto articulado) estimula na mente do falante de Libras o reconhecimento do significado (a ideia pelo signo) na escrita de sinais.

Assim que, a estrutura das pilhas anotadas pelo sistema são informações referentes às configurações da mão, orientações da palma, locações, movimentos, e expressões não manuais. Alguns sinais, que chamaríamos sinais compostos, podem representar duas configurações numa “pilha” resultando uma representação mais econômica (STUMPF, 2005, p. 64).

Ao representar o termo visografema, Barros (2008) comenta ainda que os visografemas são as letras da ELiS⁴, ou os visológicos (são denominados de símbolos), que apresentam os elementos visuais das línguas de sinais em sua escrita. Esses são visológicos do alfabeto ELiS, em vez de representarem “os sons elementos de uma linguagem”, representam os visemas elementares de uma língua. Barros (2008) utiliza aqui o termo “visema” em equivalência ao termo “fonema”, sendo o fonema uma unidade de uma Língua Oral (LO) e visema uma unidade visual de uma Língua de Sinais (LS).

Em extensão a este novo termo, Barros (2008) utiliza “visêmico” no lugar de “fonológico” para as LO; “visético” no lugar de “fonético” e “viso” ao invés de “fone”. “Os símbolos representativos dos visemas, nesse sistema, podem ser denominados, mais tecnicamente, como visografemas, ou seja, visemas (vis-), escritas (graf-), unidade mínimas (-ema). Uma nomenclatura específica para a

⁴ ELiS – Escrita das Línguas de Sinais



escrita dos elementos das LS, ou simplesmente chamados de letras” (BARROS, 2008, p. 25).

Ao discutir os termos relacionados entre ‘*visema*’ e ‘*fonema*’ por autores Barros (2008) e Capovilla (2011) comentam que os termos básicos estão sendo representados pelas unidades linguísticas mais relevantes para as escritas de sinais tão válidas. Para Barros (2008, p. 14):

Stokoe (1965) inventou o termo quirema (*chereme*), que já é do conhecimento de pesquisadores de LS, mas que causa polêmica por dois motivos: a raiz da palavra diz respeito apenas a ‘*mão*’, mas várias outras partes do corpo são envolvidas no uso das LS; o conceito de quirema é equivalente ao de fonema e não precisaria, portanto existir. Mudo a raiz de *quir-* para *vis-* pois todo o resultado da realização das LS é visual e argumento que, mesmo sendo nomenclaturas equivalentes, *visema* e *fonema* não são iguais e suas diferenças precisam ser acentuadas a fim de compreendermos sua verdadeira natureza e seu processamento (BARROS, 2008; p. 14).

Já para Capovilla (2011, p. 82):

O termo Quirema, que diz respeito à unidade da língua de sinais; e o termo Visema, que diz respeito à unidade de leitura orofacial da língua falada. Stokoe (1960) propôs o termo Quirema como a unidade mínima das línguas de sinais, análoga ao Fonema, que é a unidade mínima das línguas faladas. Fischer (1968) propôs o termo Visema como a unidade mínima da recepção visual da língua falada, análoga ao Fonema que é a unidade mínima da recepção auditiva das línguas faladas.

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Entretanto, os termos explicados no decorrer dos estudos de Capovilla e Barros de objeto para as escritas das línguas de sinais precisou demonstrar a fragilidade de três dos mais clássicos (*Quirema* para língua de sinais, *Visema* para leitura orofacial visual da língua falada e *Fonema* para recepção auditiva das línguas faladas), torna-se necessária a realização de uma discussão sobre o ambiente linguístico em Libras por esses conceitos e, por fim, garantir a maior compreensão desses termos empregados na bibliografia científica desde o ano de 1960.

Stokoe (1960 apud CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001) propôs o termo “quirema” para tratar desses elementos nas línguas de sinais, em analogia a fonema, porém, em sua etimologia, quirema representa apenas a mão, e a Libras não tem apenas elementos manuais, portanto, esse termo não foi aceito pela comunidade acadêmica.

Em sua tese, Barros (2008) propôs o termo “visema” em equivalência a “fonema”, no entanto, também encontra resistência em sua aceitação. De acordo com Capovilla (2011), a Libras não esmiúça os elementos visuais, portanto, visema também seria inadequado como sendo análogo ao fonema nas línguas orais.

Oficialmente nem quirema, nem visema, nem a revisão etimológica proposta pelo mesmo autor são reconhecidos, pois há uma resistência no meio acadêmico à terminologia que visam à particularização das línguas de sinais e uma tendência à conformidade da terminologia utilizada para os estudos linguísticos de línguas orais, estes são muito mais antigos. Para este trabalho,

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



no entanto, utiliza-se o termo “visema” para tais elementos e “visografemas” para as “letras” da ELiS (BARROS, 2008).

De acordo com o pensamento de Capovilla (2011), o ‘visema’ é a unidade mínima da recepção visual da língua falada, pois o sistema ELiS não faz parte da escrita de Língua Oral (LO), e sim escrita dos elementos arbitrários de Língua de Sinais (LS). Utilizamos aqui o termo “letra” em equivalência ao termo “visológico” no sistema alfabético linear da ELiS. Algumas letras da ELiS em sinais compostos podem apresentar as demais configurações de dedo resultando numa plural letra⁵ uma representação mais complexa. Sendo assim, seguem definições de Barros que criou os termos que continuaremos utilizando na presente pesquisa: *Visografema* é o conjunto de letras em ELiS que representam o recorte do arbitrário dos elementos manuais da escrita de língua de sinais (seria o equivalente ao alfabeto das línguas orais).

Ao apresentar o termo novato ‘gestografia’, Bózoli (2015, p. 53) afirma que foi inventado “o termo gestografia por meio de pesquisas etimológicas com a derivação de dois radicais, latino e grego, respectivamente; *gestus* = movimento expressivo do corpo (mãos e cabeça) + *gráphein* = escrever”.

Bozóli (2015) já havia buscado prover da tradução de *SignWriting* para substituir o termo português de gestografia para representar o registro escrito de uma língua visual no sistema gestográfico como sinônimo de representação gráfica pelas línguas sinalizadas. Portanto, ela afirmou que a gestografia faz parte dos gestos que se relacionam aos movimentos do corpo e às expressões

⁵ Uma plural letra significa que os sinais compostos devem adicionar mais muito visografema para completar um sinal. Por isso, o visografema foi uma representação mais complexa.



faciais para grafar as formas da escrita de sinais. De acordo com o pensamento de Stumpf:

O *SignWriting* pode representar gestos que são apenas gestos, quer dizer, não fazem parte de nenhuma língua de sinais. Pode ser usado, por exemplo, para representar gestos em uma peça teatral ou os movimentos da parte superior do corpo em uma dança, que foi a finalidade para a qual ele foi originalmente criado (STUMPF, 2005, p. 166).

Ao compreender a importância de ter conhecimento desse termo novato *gestografia* por meio de discussão sobre o sistema *SignWriting* que representa os gestos estes são incorporados na Escrita de Sinais quando produzem os diversos sentidos através das emoções humanas como sinais icônicos e arbitrários. Segundo McNeill (1992) comenta que gesticulação é a produção gestual concomitante ao discurso. São movimentos neuromusculares produzidos pelas mãos, braços, face e corpo, e não obedecem a nenhum sistema de restrições.

Todavia, discordamos o termo adotado de *gestografia* acima, devemos entender que os gestos não são língua, pois o sistema da escrita de sinais é uma das línguas oficiais da modalidade espaço-visual. A escrita de sinais é um sistema linguístico, ilimitada e complexa. No dicionário de linguística e fonética apresenta que os gestos são considerados traços paralinguísticos ou extralinguísticos da escrita oral, conforme Crystal (2000, p. 105-106) afirmou que:

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Em seu sentido mais amplo, o termo se refere a qualquer coisa do mundo (que não seja a LÍNGUA) em relação à qual língua está sendo usada – a “situação extralinguística”. A expressão “traços extralinguísticos” pode significar quaisquer propriedades de tais situações, ou, em termos mais específicos, propriedades da comunicação que não são claramente analisáveis em termos LINGUÍSTICOS (gestos, tom de voz etc.). Alguns linguistas nomeiam a segunda classe como PARALINGUÍSTICOS.

Ao afirmar que as escritas das línguas de sinais que falam línguas de sinais expressam naturalmente sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos na forma convencional para reconhecer de modo algum o glifo (um conjunto de grafemas) dos sinais da língua (um conjunto de quirema). Tal como as escritas da língua oral, as escritas das línguas de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos diários nessa língua da modalidade espaço-visual, além de transmitir por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, inventar histórias e piadas.

Nesse sentido, gestos são símbolos que são diferentes do símbolo da escrita de sinais. Conforme McNeill (1992) afirma, gestos transformam imagens mentais em formas visíveis, sendo capazes de transmitir ideias e pensamentos que a linguagem falada não consegue expressar. Em outras palavras, o gesto transcende a fala, uma vez que, a partir dele, detalhes previamente escondidos aparecem em uma nova dimensão. Com isso, torna-se necessário examinar a linguagem e o gesto em conjunto para desvendar as operações da mente e do pensamento humano.

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Pense nos estudos das escritas das línguas de sinais para refletir sobre a importância de uso do termo por meio da escrita de sinais para os estudos de língua. Para Bózoli (2015) o objetivo era demonstrar *SignWriting* em inglês traduzindo para a *Gestografia* em língua portuguesa, todavia, a palavra ainda não está explicada para significar esse termo para a escrita de sinais no Brasil. A palavra *SignWriting* foi uma das marcas de termo tão importante para espalhar esse uso de termo pelo mundo que os povos de próprio país podem usar o empréstimo dessa palavra proposta por Sutton. Ao comparar da mesma forma o celular Apple iPhone constatou que foi empréstimo da palavra americana pelo mundo sem mudar outra palavra da sua própria língua, pois os populares conhecem isso que o que é Apple iPhone. No caso daqui no Brasil, não fazem a tradução de Apple para a Maçã, por isso está explanada para o povo.

Ao representarmos o que significa o termo grafema, esta é a unidade mínima de um sistema registrado de escrita, podendo representar um fonema nas escritas alfabéticas para utilizar de uma base gráfica para apresentar o conjunto de itens linguísticos.

Grafema é um elemento abstrato de um sistema de escrita que se realiza por formas chamadas alografes cujo traçado depende dos outros elementos do sistema: o grafema corresponde, portanto, na escrita alfabética, à letra, sendo os alografes as formas maiúscula, minúscula cursiva, etc. Os grafemas são unidades de segunda articulação na escrita, como os fonemas na língua falada; os morfemas gráficos são as unidades de primeira articulação (DUBOIS et al., 2006, p. 313).

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Dessa maneira acerca da escrita de sinais, Barreto e Barreto (2015) concordam com o uso de termo 'grafema' por meio da escrita visual direta que apresenta um respectivo fonema realizado do sistema *SignWriting*.

Grande parte destes grafemas são visualmente icônicos, possibilitando uma rápida associação com os respectivos fonemas. As principais categorias de grafemas representam de maneira visual a cabeça, a face, o tronco, os membros, as mãos e os movimentos, outros grafemas representam as dinâmicas e o tempo. Seus tamanhos são proporcionais entre si (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 76).

Concordamos com a afirmação de Barreto (2008) com relação ao termo *grafema* para o sistema *SignWriting* ser o uso de um fonema descrito dos aspectos visuais da Língua de Sinais que se relaciona com a escrita. Cada sinal escrito é denominado *cluster* (SLEVINSKI JUNIOR, 2012) e é organizado seguindo a mesma lógica do corpo humano, ou seja, o posicionamento dos grafemas também não é arbitrário e contribui para o melhor e mais rápido entendimento dos morfemas e conseqüentemente, dos sinais das Línguas de Sinais (LS).



Considerações finais

O objetivo deste estudo, conforme indicado anteriormente, é buscar as palavras significadas basicamente no uso de diversos termos propostos pelos autores que revelam fatos interessantes para a discussão a que me proponho aqui.

Esta investigação pode esclarecer para os estudos linguísticos futuros sobre os diversos termos que foram empregados por afirmações dos autores citados nesses trabalhos propostos, os quais são muito recentes e não apresentam ainda padronização, o que advém do uso de conceito adotado por meio de escrita das línguas de sinais. No entanto, as futuras pesquisas de surdos e ouvintes, falantes de línguas de sinais precisam passar por um enriquecimento a partir do seu uso até alcançar essa padronização desses termos diligentes.

Através desta pesquisa percebi que os conceitos, não só enquanto autores que mostram a perspectiva em seus conflitos internos, têm a possibilidade de se encontrar nos termos e trocar conhecimentos desde seus diferentes contextos e estudos. Dessa maneira se pode consolidar uma escrita de sinais, uma vez que se trate de pesquisas, ou mesmo de experiência da escrita de sinais. Pode haver troca entre os autores que estão fisicamente muito distintos, não apenas de informações, mas também de conhecimentos em vários termos, ou seja, os conceitos são apresentados como umas respectivas significações.

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



Por fim, nos novos estudos sobre a adoção de um termo preciso para designar as escritas das línguas de sinais foram apresentados quais conceitos, de acordo com minha visão de ideia, foram utilizados na escrita de sinais. Nesse momento, mostram-se os termos encontrados, que buscaram refletir os conceitos em uso da escrita de sinais com minha proposta. Mas isso não impediu de identificar, por exemplo, que algumas das categorias de escrita de sinais poderiam ser agrupadas em uma única escrita. Esse seria o caso para a escrita de sinais, sobre as quais, conforme apresentaremos, dispõe de diferenças que são muito sutis, o que poderia também ser tema de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M.; BARRETO, R. *Escrita de Sinais sem mistérios*. v. 1. 2. ed. rev. atual. e ampl. Salvador: Libras Escrita, 2015.

BARROS, M. E. *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91819>>. Acesso em: 2016.

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



BATTISON, R. Phonological deletion in american sign language. *Sign Language Studies*, v. 5, p. 1-19, 1974.

BEHARES, L. E. Implicações neuropsicológicas dos recentes descobrimentos na aquisição de linguagem pela criança Surda. In: MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. da C. (Orgs). *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Série de Neuropsicologia. v. 3. São Paulo: Tec Art, 1993. p. 41-55.

BOUTORA, L. *Étude des systèmes d'écriture des langues vocales et des langues signées*. Paris: Mémoire de D.E.A. des Sciences du Langage – Université Paris VIII, 2003.

BÓZOLI, D. M. F. *Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UEM, Maringá, 2015.

CAPOVILLA, F. C. *Transtornos de aprendizagem- 2: Da análise laboratorial e reabilitação clínica para as políticas públicas de prevenção pela via da educação*. São Paulo: Memnon, 2011.

CAPOVILLA, F. C., GARCIA, W. Visemas, quiremas, e bípedes implumes: Por uma revisão taxonômica da linguagem do surdo que substitua visemas por fanerolaliemas, e quiremas por simatosemas para forma de mão

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



(quiriformemas), local de mão (quiritoposema), movimento de mão (quiricinesema), e expressão facial (mascarema). In: CAPOVILLA, Fernando C. (Org.). *Transtornos de aprendizagem, 2: da análise laboratorial e da reabilitação clínica para as políticas públicas de prevenção pela via da educação*. São Paulo: Memnon, 2011.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volumes: I e II*. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2001.

COULMAS, F. *The Blackwell encyclopaedia of writing systems*. Oxford: Blackwell, 1999.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CRYSTAL, D. *Dictionary of linguistics and phonetics* (v. 30). [Hoboken, New Jersey]: John Wiley & Sons, 2011.

CULLER, J. *As Ideias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. B.; MEVEL, J. P. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.



EMMOREY, K.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. Organização neural da língua de sinais. In: MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. da C. (Orgs.). *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Série de Neuropsicologia, v. 3. São Paulo: Tec Art, 1993. p. 19-40.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FISCHER, C. G. Confusions among visually perceived consonants. *Journal of Speech and Hearing Research*, v. 11, n. 4, p. 796-804, 1968. Disponível em: <<http://jslhr.asha.org/cgi/content/abstract/11/4/796>>. Acesso em: 2016.

FISCHER, S. R. *História da escrita*. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GALEA, M. *SignWriting (sw) OF Maltese Sign Language (LSM) and its development into an orthography: Linguistic considerations*. 689 f. A dissertation submitted in fulfilment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Linguistics, Institute of Linguistics, University of Malta, 2014.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *The Signs of Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



LODI, A. C. B. *Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas*. DELTA, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 281-310, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000200005>. Acesso em: 2016.

MCNEILL, D. Images, Inside and Out. In: MCNEILL, D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 11-35.

MILANI, S. E. *Historiografia – Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

MORAIS, C. D. de. *Escritas de Sinais/ supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em SignWriting*. 597f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016.

OLIVEIRA, J. S. de. *Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do Glossário Letras-Libras*. 425 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2015. Disponível em:

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa



<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/160649/338072.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 2016.

POIZNER, H.; KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *What the Hands Reveal about the Brain*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SLEVINSKI JUNIOR, S. E. *MSW: Stability*. 2012. Disponível em: <http://signpuddle.net/wiki/index.php/MSW:Stability>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SOUZA, R. M. de. *Que Palavra que Te Falta?* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STOKOE, W. C. et al. *A dictionary of american sign language on linguistic principles*. 2. ed. Silver Spring, MD: Linstok, [1965] 1976.

STOKOE, W. C. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978.



STUMPF, M. R. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador*. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

Identificação da Autora

GABRIELA OTAVIANI BARBOSA



Mestra em Linguística Aplicada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Licenciada em Letras/ Libras pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

E-mail: gabriela.otaviani@gmail.com

A ETIMOLOGIA DE ESTUDOS DE TERMINOLÓGICOS
REFERENTES À ESCRITA DE SINAIS

Gabriela Otaviani Barbosa